



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU - MIRIM  
CURSO LETRAS - LICENCIATURA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS

**ANTONIA CRISTINA LIMA ABREU**

A REPRESENTAÇÃO DAS INFLUÊNCIAS DO SIMBOLISMO NAS PRODUÇÕES  
DE MARIANA LUZ POR MEIO DA ANÁLISE DOS POEMAS “CONTRASTE”,  
“MORRER... DORMIR...”, “PÁLIDO ESPECTRO” E “A CAMINHO”.

Itapecuru Mirim – MA  
2019

**ANTONIA CRISTINA LIMA ABREU**

**A REPRESENTAÇÃO DAS INFLUÊNCIAS DO SIMBOLISMO NAS PRODUÇÕES  
DE MARIANA LUZ POR MEIO DA ANÁLISE DOS POEMAS “CONTRASTE”,  
“MORRER... DORMIR...”, “PÁLIDO ESPECTRO” E “A CAMINHO”.**

Monografia apresentada ao curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim- CESITA, para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Prof. Esp. Cinthia Andréa T. dos Santos

Itapecuru Mirim – MA  
2019

Abreu, Antonia Cristina Lima.

A representação das influências do Simbolismo nas produções de Mariana Luz por meio da análise dos poemas “Contraste”, “Morrer...dormir...”, “Pálido espectro” e “A caminho” / Antonia Cristina Lima Abreu. – Itapecuru-Mirim, 2019.

... f

Monografia (Graduação) – Curso de Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientadora: Prof. Esp. Cinthia Andrea T. dos Santos.

1.Luz, Mariana. 2.Análise literária. 3.Literatura maranhense. 4.Poesia. 5.Simbolismo. I Título

CDU: 821.134.3(812.1)-1

**Elaborado por Giselle Frazão Tavares- CRB 13/665**

## **ANTONIA CRISTINA LIMA ABREU**

**A REPRESENTAÇÃO DAS INFLUÊNCIAS DO SIMBOLISMO NAS PRODUÇÕES DE MARIANA LUZ POR MEIO DA ANÁLISE DOS POEMAS “CONTRASTE”, “MORRER... DORMIR...”, “PÁLIDO ESPECTRO” E “A CAMINHO”.**

Monografia apresentada ao curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim- CESITA, para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Aprovada em: \_\_/\_\_/2019

### **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof. Esp. Cinthia Andréa T. dos Santos  
Universidade Estadual do Maranhão

---

2º Examinador: Prof. Esp. Maurílio Barros Cardoso  
Universidade Estadual do Maranhão

---

3º Examinador: Prof. Esp. Gercivaldo Vale Peixoto  
Universidade Estadual do Maranhão

A meu amor que sempre me incentivou e acreditou que seria possível, mesmo quando nem eu acreditava.

## **AGRADECIMENTOS**

A quem muito sentia-se honrado em me proporcionar os estudos e acreditava que estes muito acrescentariam a minha vida, meu saudoso pai.

A minha mãe que sempre está ao meu lado.

Ao meu filho a quem quero ser um exemplo nos estudos.

Aos meus amigos de equipe que a meios tantas dificuldades souberam conduzir e conservar o nosso laço afetivo de amizade.

E a minha estimada orientadora que sempre fez com que acreditasse que iríamos vencer.

Um leitor vive mil vidas antes de morrer. O homem que nunca lê vive apenas uma.

George R. R. Martin.

## RESUMO

Esta monografia é voltada para a análise das produções de Mariana Luz (1871-1960), poetiza e ativista cultural maranhense entre as últimas décadas do século XIX e início do século XX. Autora do livro de soneto “Murmúrios”, com poesias no estilo da estética simbolista, e que levou a estabelecer a seguinte problemática: quais aspectos do movimento simbolista influenciaram a Mariana Luz na produção de suas poesias? Muitos especulam que Mariana Luz tenha sido influenciada pela estética simbolista, em razão disso, seus poemas apresentam características marcantes desse estilo, principalmente a subjetividade, o misticismo, a sublimação, o uso de figuras de linguagem e sugestão. Quando aborda a morte, por exemplo, como libertação, traz a religiosidade e o misticismo, mesmo que de forma inconsciente, pois do ponto de vista religioso, o morrer significa, dentre outras concepções, um voltar para Deus. E nas obras o que prevalece é uma negação ao presente, a busca pela transcendência espiritual e a integração cósmica, sendo a morte uma forma de conseguir elevação espiritual, conferindo uma tendência simbolista às obras da poetisa, nas quais se viam termos permutados de valores, como cipreste, espectro e morte.

**Palavras chaves:** Mariana Luz. Morte. Tristeza. Misticismo. Simbolistas

## **ABSTRACT**

This monography is aimed at analyzing the Mariana Luz Productions (1871-1960), poet and cultural activist Maranhão among the last decades of the nineteenth century and early twentieth century. It is the author of the sonnet book "Murmurs", book of poetry in the style of Symbolist aesthetics, and that led him to establish the following issues: what aspects the symbolist movement influenced the Mariana Luz in the production of his poetry? Many speculate that Mariana Luz has been influenced by the Symbolist aesthetic, given that his poems have the outstanding characteristics of this style, especially subjectivity, mysticism, sublimation, use of figures of speech and poetic language. When discusses death, for example like liberation, brings religiosity and mysticism, even if unconsciously, for the religious point of view, the die means among other concepts one back to God. And in the works what prevails is a denial of the present and the quest for spiritual transcendence, cosmic integration and the death a way to get spiritual elevation, giving a tendency symbolists of the poet in using interchanged terms of values, like cypress, spectrum and death.

**Key words:** Mariana Luz. Death. Sadness. Mysticism. Symbolists

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>10</b> |
| <b>2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA LITERATURA BRASILEIRA .....</b>                 | <b>12</b> |
| <b>2.1 Literatura e nacionalidade: o reconhecimento através da arte.....</b> | <b>15</b> |
| <b>2.2 Tessituras a respeito do Simbolismo no Brasil.....</b>                | <b>18</b> |
| <b>3 MARIANA LUZ: VIDA E OBRA .....</b>                                      | <b>24</b> |
| <b>3.1 Análise das obras.....</b>  | <b>29</b> |
| <b>3.2 Características simbolistas presentes nos poemas .....</b>            | <b>37</b> |
| <b>4 CONCEPÇÕES SOBRE OS POEMAS DE MARIANA LUZ .....</b>                     | <b>39</b> |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>  | <b>41</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>42</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Ao se falar em Literatura brasileira Contemporânea, não há um estilo comum entre os autores, porém, mesmo depois de décadas, se nota a importância das antigas escolas literárias para a Literatura brasileira, pois através do estudo destas, observa-se que muitos autores às vezes estavam à frente do seu tempo, em suas produções, que em suas épocas não eram bem vistas e, muitas vezes, deixadas a quem pela sociedade, mas que com o passar do tempo tornaram-se reconhecidas e importantes, tanto é que são estudadas na atualidade.

O Simbolismo no Brasil ficou em segundo plano, devido ao período ao qual ele aconteceu ter coincido com a busca por uma identidade nacional, momento este que os autores brasileiros, por buscarem essa independência na literatura, de certa forma, negavam as características dos movimentos literários ocorridos na Europa. Mas, é de conhecimento de todos, que sempre há autores que se desvinculam de certas correntes literárias, preferindo um a outro movimento ou estilo ou até mesmo a produzir obras com características decorrentes de vários estilos, e que, dentre os que possuem estilos variados, há um marcante que caracteriza o autor como sendo de um determinado movimento literário.

Assim, levando em consideração esse movimento ocorrido no final do século XIX e, com o intuito de contribuir com a sociedade itapecuruense e com a literatura em geral, a presente pesquisa tem como escopo a influência simbolista nas poesias de Mariana Luz e, através deste estudo, pretende-se identificar o que faz os seus poemas serem considerados como sendo deste estilo.

Diante dessas informações, a escolha do referido tema deu-se a partir de uma inquietação acerca de produções literárias dessa maranhense, a qual por vezes é mencionada como sendo uma poetisa simbolista. No entanto, são desconhecidos os estudos científicos que averiguam de forma mais profunda os enlaces entre os poemas de Mariana Luz e o Simbolismo. Ressalta-se que, compreender e entender os poemas, são tarefas de suma importância, pois há evidências de tal escola literária na referida temática, além disso, será relevante, não só para a literatura itapecuruense, mas também, para a literatura brasileira em geral, pois Mariana Luz fez história no cenário maranhense, sendo a segunda a ocupar uma cadeira na Academia Maranhense de Letras – AML. E, ao que tudo indica, poderia ter sido

destaque no cenário nacional não só por ter sido escritora, mas por ter produzido obras autenticamente simbolistas.

Ao abordar como tema, A representação das influências do Simbolismo nas produções de Mariana Luz por meio da análise dos poemas “Contraste”, “Morrer...Dormir”, “Pálido espectro” e “A caminho”, pretende-se, em primeiro lugar, responder a seguinte problemática: que aspectos do movimento simbolista influenciaram Mariana Luz em suas produções?

Essa questão surgiu a partir de teorias lançadas sobre suas produções, as quais são atribuídas à estética simbolista, em razão de seus poemas apresentarem características marcantes deste estilo, principalmente a sugestão, o misticismo, a sublimação, o uso de figuras de linguagem, negação ao presente, apego as memórias e a uma incessante busca pela transcendência espiritual, marcados principalmente pela subjetividade e pelo uso de termos com significados permutados, fazendo analogias entre o mundo aparente e o mundo das essências.

A hipótese é a que Mariana Luz, é uma poetisa simbolista, motivo pelo qual suas poesias abordariam temáticas relacionadas aos sentimentos e a morte, exprimindo um estado de alma da poetisa marcado pelo saudosismo de infância e pessimismo, que refletem uma profunda melancolia. No entanto, ainda são desconhecidos, estudos científicos, que averiguem de forma mais profunda os enlaces entre as produções de Mariana Luz e o Simbolismo. É, portanto, nessa escassez de estudos sobre essa importante poetisa, que a análise de suas produções mostra-se necessária, porque elas, por muito tempo, foram publicadas em inúmeros jornais maranhenses.

O presente estudo versa sobre os aspectos que fazem os poemas de Mariana Luz serem considerados simbolistas. Fez-se a análise dos quatros poemas, com a finalidade de descrever as caraterísticas mais marcantes. Diante desse intento, organizou-se um criteriosa revisão bibliográfica contemplando a Literatura brasileira com enfoque nas manifestações simbolistas, averiguando assim, como ocorreu o Simbolismo no Brasil, em que buscou-se identificar as temáticas abordadas pelo movimento e as orientações seguidas por seu maiores representantes brasileiros.

Utilizou-se o método explicativo descritivo para melhor análise dos poemas de Mariana Luz, para fazer a junção das observações necessárias, tendo como pressuposto básico a realização do projeto.

## 2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA LITERATURA BRASILEIRA

A respeito da Literatura brasileira, percebeu-se uma necessidade de analisar os relatos de alguns dos principais escritores, que versam sobre ela, como Veríssimo (1915), Lima (1995), Bossi (2006) e Moisés (2007). E ao tratar desta, Veríssimo (1915, p. 05), nos diz o que: “A nossa literatura colonial manteve aqui tão viva quanto lhe era possível a tradição literária portuguesa. Submissa a esta e repetindo-lhe as manifestações, embora sem nenhuma excelência e antes inferiormente”.

É observável, portanto, que o principiar nas letras ocorrera ainda no período colonial, em que havia uma repetição da Literatura Portuguesa, no entanto, sem a proficiência dos literatos portugueses, uma vez que aqui os escritores estavam mais ligados às recentes descobertas “a nova terra e a nova gente”.

Ao passo que, em relação às influências portuguesas, Lima (1995), assegura que “toda literatura, por mais modesta que seja, é sempre uma parte de um organismo mais vasto, com o qual se acha organicamente ligada”, é notório que a Literatura brasileira está intrinsecamente ligada à portuguesa, e esta, liga-se a todo o conjunto da literatura europeia, principalmente da francesa. Estando o Brasil submisso a Portugal, veja o que diz Veríssimo (1915):

[...] Assim sendo, é evidente que os únicos períodos literários aqui verificáveis seriam os mesmos ali averiguados. Quando começava aqui a literatura, lá havia terminado, ou estava terminando, o quinhentismo, a melhor época da portuguesa. Principiava então lá o seiscentismo, prematura e rápida degradação daquele brilhante momento, cuja brevidade era, aliás, consoante com a da época de esplendor nacional [...] (VERÍSSIMO, 1915, p.05).

Vê-se que, os acontecimentos d aqui, rementiam-se a Portugal, principalmente no período em que o Brasil fora colonial, visto que as relações eram estabelecidas em prol do país dominante, a cultura, a religião e o modo de vida como um todo era reflexo da colonização, pois, os portugueses buscavam meios de torna Portugal a maior potência, e para isso, não bastava apenas conquistar o território e dominar o comércio, havia a necessidade de estabelecer relações culturais, visando principalmente a aquisição de conhecimentos, mas diante de tudo isso, apesar de uma influência mútua, prevalecia as imposições da cultura portuguesa.

A história da Literatura Brasileira inicia-se em 1500, com a carta, de Pero Vaz de Caminha. E entre 1500 e 1601, quando Bento Teixeira publica seu poemeto épico, Prosopopéia, transcorre a época da

formação e origens. [...] De onde, os dois capítulos fundamentais da produção literária nessa quadra – a literatura jesuítica e a literatura de informação da terra – se interpenetram de tal modo que acabam adquirindo fisionomia comum, orientada para o conhecimento do solo e do homem “brasílicos”, e para a educação do gentio ignaro e do colono analfabeto. (MOISÉS, 2007, p.15).

Por séculos prevaleceu a superioridade portuguesa, desde a época da formação e origem, em que se formou o Quinhentismo, denominação atribuída ao período literário brasileiro, que abrange todas as manifestações literárias do século XVI, contudo, a literatura desse período era mais voltada aos ensinamentos doutrinários do homem, visto que, além de informação sobre a terra recém-conquistada, havia os interesses da igreja, em que objetivavam tornar-se potência da cristandade e para isso era essencial conseguir cristão. O que veio a determinar todo um período marcado pela literatura jesuítica.

Isso leva alguns estudiosos a dizerem que nesse período não se tratava de uma literatura puramente brasileira. Em relação a isso, Lima (1995) ressalta que:

[...] a literatura, a vaga e pobre literatura que aí se ia desenvolver pouco a pouco, como expressão de uma realidade e de um povo que ia lentamente tomando consciência de si mesmo [...], essas imprecisas tentativas iniciais de expressão literária, dos séculos XVI a XVIII, vêm todas elas impregnadas de espírito lusitano, como não podiam deixar de vi, e apenas acidentalmente marcadas por sinais da nova terra e da nova gente. (LIMA, 1995, p.33).

Convém ressaltar que a nova terra e nova gente eram o que marcavam a literatura no período que ficou conhecido como Quinhentismo, o que faz retomar a ideia de que essa não se tratava de uma literatura brasileira, apenas a reprodução da portuguesa e terras colonizadas, porém, isso não tira o mérito das produções dessa fase, atente-se ao que diz Bossi (2007):

[...] a pré-história das nossas letras interessa como reflexo da visão do mundo e da linguagem que nos legaram os primeiros observadores do país. É graças a essas tomadas diretas da paisagem, do índio e dos grupos sociais nascentes, que captam as condições primitivas de uma cultura que só mais tarde poderia contar com o fenômeno da palavra-arte. (BOSI, 2007, p.13)

Tal afirmação remete à ideia de que os primeiros escritos produzidos pelos missionários e viajantes europeus representam a visão que fora captada por aqueles que escreviam sobre o território brasileiro nos primeiros séculos, principalmente sobre

o que chamavam de “condições primitivas”, tais quais, que podem ser relacionadas aos povos indígenas que não eram civilizados, quanto aos próprios escritos, que eram primitivos, tanto por se tratarem das primeiras manifestações literárias, quanto por não possuírem um acabamento fenomenal, visto que, quem os produzia não eram artistas, pois, se tratavam de viajantes e missionários europeus.

Contudo, tomando conhecimento de duas premissas sobre a Literatura brasileira, primeiro, têm-se as que são relativas à divisão das escolas literárias, na qual, as escolas do Brasil em relação às de Portugal se diferem quanto à época em que cada uma começava a se desenvolver, todavia, se assemelhavam nas características; a segunda é quanto a sua formação, a qual é dividida em duas Eras que são a Colonial e a Nacional.

Na Era Colonial está o Quinhentismo (1500), o Barroco (1601) e o Arcadismo (1768), já na Era Nacional estão reunidos o Romantismo (1836), o Realismo/Naturalismo/Parnasianismo (1881), o Simbolismo (1893), o Pré-Modernismo (1902) e o Modernismo (1922). Todavia, o escopo desta monografia se encontra na Era Nacional, pois, é durante esta que ocorre o Movimento simbolista.

Em meio a esse cenário, a Literatura maranhense sempre possuiu destaque, principalmente a partir de 1840, época em que o Maranhão viveu seus melhores momentos, nesse espaço de tempo, a economia maranhense por um curto período chegou a se desenvolver, principalmente com a exportação de algodão. Com isso, os filhos dos senhores eram enviados para estudar fora do país, então era formada uma gama de intelectuais.

Entretanto, esse período não durara muito, mas perdurou tempo suficiente para que muitos maranhenses estudassem e fossem inseridos espaço literário. Poetas e prosadores, todos com o intuito de divulgarem sua arte, começaram a se unir e, não raro, foram fundados jornais, em sua maioria, voltados para conteúdos culturais principalmente para a literatura. Para situar-se em relação à quantidade, note um recorte dos jornais fundados no período de 1842 a 1879.

Primeiramente em 1842, fundaram dois em São Luís “A Revista” e o “Publicador Maranhense”, São Luís. Houve uma pausa e, em 1845, há uma retomada com a fundação dos jornais: “Jornal de Instrução e Recreio”, São Luís, 1845; “O Archivo”, São Luís, 1846; “O Observador”, São Luís, 1847; “O Progresso”, São Luís, 1847; “A Marmota maranhense”, São Luís, 1850; “O Constitucional”, São Luís, 1851; “A Marmotinha”, São Luís, 1852; “O Despertador”, São Luís, 1852; “A Sentinela”, São

Luís, 1855; “Diário do Maranhão”, São Luís, 1855; “A Estrella da tarde”, São Luís, 1857; “O Século”, São Luís, 1858; “A Estrella Maranhense”, São Luís, 1859; “Imprensa Caxiense”, Caxias, 1859; “O Jardim das Maranhenses”, São Luís, 1861; “A Coalizão”, São Luís, 1862; “O Álbum Caxiense”, Caxias, 1862; “O Artista”, São Luís, 1862; “O Paiz”, São Luís, 1863; “O Ramallete”, São Luís, 1863; “A Fé”, São Luís, 1864; “Echo Juventude”, São Luís, 1864; “O Apreciável”, São Luís, 1867; “Semanário Maranhense”, São Luís, 1867 e “O Represador”, 1869, também de São Luís.

É importante destacar que, durante o período que o Maranhão se desenvolvia economicamente, houvera avanços nos campos culturais e foi nessa onda de efervescência cultural que nascera a poetisa Mariana Luz, e como foi verificado nos estudos feitos, seu pai era influente na época e sua mãe filha de escravos, mas sabendo lê e escrever. Não é vago atentar-se ao fato de que naquela época uma mulher que soubesse lê e escrever, possuísse forte tendência a se sobressair em relação a outras, certamente era criticada. A mãe de Mariana Luz soubera passar, à filha, a importância que é ter conhecimento, e ela, sendo bem instruída, fizera bom uso do conhecimento e se tornou “imortal” pela Academia Maranhense de Letras-AML.

## **2.1 Literatura e nacionalidade: o reconhecimento através da arte**

É fato notório que a Proclamação da Independência política brasileira, proporcionou aos intelectuais brasileiros o pretexto exato para colocarem em prática as ações que viriam a consolidar a ideia de nação, separando o Brasil de Portugal. Para isso, buscavam referências reais que transmitissem seus ideais.

Considerando que a maioria dos jovens brasileiros saía do país para darem seguimento aos seus estudos e que as muitas expedições científicas e artísticas que vinham para o Brasil, ao entrarem em contato com o povo, acabavam por divulgar os ideais liberais e nacionalistas que aconteciam na Europa. Foram esses os principais motivos pelos quais os intelectuais brasileiros, inspirados pela Proclamação da independência política brasileira, passaram a delinear os que viriam a serem os símbolos da identidade nacional, e o meio escolhido foi a literatura.

Diante disso, o índio e a natureza exuberante, tornaram-se os elementos essenciais de definição da nacionalidade. E os textos escritos pra divulgar esses elementos de identidade nacional, mais tarde passaram a ser conhecidos como

nativistas ou indianistas e tiveram como seus maiores representantes o poeta Gonçalves Dias e o romancista José de Alencar.

Lima (2012, p.36), diz que “A literatura é, talvez, a expressão mais representativa da afirmação da independência de um povo”, e ele não é o único a compartilhar dessa ideia, pois os intelectuais da época buscaram independência literária, já estavam fatigados da importação de temas, formas e valores de Portugal.

A partir disso, teve-se então, o primeiro discurso oficial de independência literária do Brasil, que fora feito através da “Nitheroy”, Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes em 1836, que em sua epígrafe declarava: “Tudo pelo Brasil, e para o Brasil”. Na edição Nº 01 dessa revista, havia a publicação de um texto assinado por um dos escritores brasileiros que fazia parte do Grupo de Paris. O texto era intitulado de “Discurso sobre a história da literatura no Brasil”.

Esse discurso tornou-se, também, Manifesto romântico brasileiro, já que muitos escritores compartilhavam das considerações de Gonçalves Magalhães acerca da literatura, sobre qual ele afirmava:

A litteratura de um povo é o desenvolvimento do que elle tem de mais sublime nas ideias, de mais philosophico no pensamento, de mais heroico na moral, e de mais bello na Natureza, é o quadro animado de suas virtudes, e o de suas paixoes, o despertador de sua glória, e o reflexo progressivo de sua intelligencia. (MAGALHÃES, 1836, p. 131)

Observa-se que, na visão de Magalhães (1836), a literatura deve ser o reflexo da vida de uma nação, e em seu discurso ele chama a atenção para o que deveria vir a tratar a Literatura brasileira, e, a partir dele, surgiu o índio e a natureza como representantes da literatura nacional. Vale ressaltar, que isso não foi preponderante para que a literatura, aqui desenvolvida, fosse isenta das influências estrangeiras, pois, eram nas produções dos autores estrangeiros que os brasileiros buscavam inspiração.

Em razão desse anseio por independência literária, deu-se início ao Romantismo Brasileiro, diz-se brasileiro, não por ser exclusivo do Brasil, mas sim para diferenciá-lo, já que, na Europa também houve Romantismo, a exemplo tem-se Portugal, onde o movimento ocorreu em meio a lutas políticas por uma constituição mais democrática, enquanto, no Brasil, ele teve início no momento de busca de uma identidade e de uma autonomia nacional, tornando-se, assim, o primeiro movimento

da Era Nacional, tendo como marco de surgimento a publicação da obra “Suspiros Poéticos e Saudade” de Gonçalves de Magalhães, em 1836.

O Romantismo no Brasil teve três momentos, o primeiro (1840 – 1850), foi marcado pelo predomínio do índio e das descrições da natureza como expressão original do nacionalismo e foi este o período no qual as produções foram denominadas de indianistas, e os principais representantes são Joaquim Manuel de Macedo (*A Moreninha*), Gonçalves Dias (*I. Juca-Pirama*), Bernardo Guimarães (*O Seminarista*) e José de Alencar (*Iracema*).

No segundo momento (1850 – 1860), o que predominou foi o individualismo e intimismo, a dúvida, a desilusão e negativismo, em que, do culto a natureza sombria e idealização absoluta da realidade, emergia a poesia byroniana ou satânica. Essa segunda geração tinha um jeito exagerado e um arrebatamento sentimental, que os fizera ficar conhecidos como ultrarromânticos.

Muitos autores dessa época tiveram morte precoce, pois a idealização, a paixão e vidas desregradadas, os levavam a uma sedução pela morte, e essa lhe era como a garantia do fim das agonias de viver. Entre os escritores de maior destaque, continuam Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Bernardo Guimarães e novos nomes como Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Junqueira Freire e Franklin Távora.

O terceiro momento (após 1860) foi protagonizado por uma geração de poetas mais liberais e conscientes da sociedade vigente, voltados às questões sociais, principalmente no que se referem às lutas abolicionistas, esses poetas passaram a ser conhecidos como condoreiros, pois, essa vertente da poesia romântica, que traz a denúncia das injustiças sociais, recebe o nome de Condoreirismo, inspirada no pássaro Condor. Seus principais representantes são Castros Alves, Tobias Barreto, Machado de Assis, Sousândrade e Taunay.

Delineando, houve, portanto, a primeira geração denominada de indianista ou nativista, na qual o foco era a criação de textos que divulgassem os símbolos nacionais; a segunda geração que tivera, em sua maioria, poetas atormentados por terem o amor e morte como essência de suas vidas, bem como de suas poesias e a terceira geração que, através da poesia, denunciava as injustiças sociais.

Dentro desse movimento artístico que foi o Romantismo, houve o romance urbano, no qual havia uma representação dos costumes da elite brasileira, o romance indianista que fornecia aos leitores a reconstituição de histórico passado brasileiro, às

vezes, esse passado era, em parte, inventado caso a realidade não oferecesse os elementos essenciais aos princípios sociais, e por último, mas não menos importante, teve a versão regionalista que pretendia revelar o Brasil aos brasileiros, através da divulgação de aspectos sociais pela apresentação de tipos e costumes regionais.

No final século do XIX, segundo Tufano (2013, p.56), na literatura as belas paisagens, ambientes luxuosos e sofisticados, mulheres deslumbrantes deram lugar aos aspectos da população anônima e marginalizada. Nesse novo contexto a realidade social passou a ganhar espaço e a promiscuidade, vida miserável, pobreza e luta pela sobrevivência deram origem ao novo movimento denominado Realismo.

O Realismo teve início na França, em 1857, com a publicação do romance “Madame Bovary” do escritor Gustave Flaubert, em Portugal iniciou-se em 1865 com a questão Coimbrã, em que, românticos, pregavam a tradição e realistas, a revolução, já no Brasil, instalou-se em 1881, com a publicação do romance “Memórias póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, e “O mulato”, de Aluísio Azevedo.

Em suas concepções literárias, o Realismo tenta analisar a organização social e econômica, para detectar o que há de mal na sociedade, investigar as causas e denunciar as consequências. Os autores desse período adotaram a razão e a objetividade como parâmetro de interpretação da realidade, focando na sociedade e nos comportamentos sociais, buscando representar, através da arte, a realidade tal qual ela é.

Dentro dessa estética literária, uma das necessidades era a compreensão da origem das práticas dos comportamentos sociais negativos, e, a fim de saná-la, caracterizavam os personagens de forma que, estes, explicitavam e condenavam os modos de vida, incluindo explicitamente condições econômicas, que eram fundamentais nas necessidades materiais. Com isso, havia uma nos romances realistas a compreensão das transformações sociais.

## **2.2 Tessituras a respeito do Simbolismo no Brasil**

Na Europa, no fim do século XIX, ocasião em que os valores centenários e as questões religiosas foram afetados pelas mudanças de mentalidade, alteradas pelas descobertas científicas, as quais provocaram intensas mudanças sociais, em que até a criatividade dos artistas era ameaçada pela crença absoluta na razão, dando início a um momento de indefinições e incertezas.

Os artistas passaram a ver a realidade com desconfiança, nessa situação percebem a necessidade de encarar o mundo por outros ângulos, é aí, que passaram a lançar um olhar para aquilo que estava além do visível, investigando, em buscar de algo com que pudessem mostrar essas percepções que iam além da realidade. Surge assim, o Simbolismo trazendo em sua configuração uma nova visão de mundo, evidenciando o idealismo e o misticismo.

O Simbolismo teve origem na França e foi manifestado, primeiramente, pelos poetas Baudelaire, Mallarmé e Verlaine na coletânea *Parnasse Contemporain*. Na qual Mallarmé resume a nova tendência dizendo:

Sugerir, eis o sonho. É o uso perfeito desse mistério que constitui o símbolo: evocar um objeto para mostrar um estado d'alma ou escolher um objeto e fazê-lo emanar um estado d'alma mediante uma série de decifrações. (MALLARMÉ *Apud* ABAURRE e PONTARA, 2005, p. 450).

Assim, a sugestão é o aspecto que mais caracteriza essa estética, onde os poetas se utilizam de símbolos, sejam eles concretos ou representações abstratas. Apesar das primeiras manifestações presentes na “coletânea *Parnasse Contemporain*”, o principal marco de surgimento do Simbolismo foi o livro “As flores do mal” de Charles Baudelaire, publicado em 1857. E Charles Baudelaire, ao publicar as “Flores do mal”, causara um verdadeiro impacto tanto no campo literário, quanto na sociedade.

Segundo Abaurre e Pontara (2005, p.447), “o poeta foi processado pelo Estado por ultraje a moral pública. Além do recolhimento de todos os exemplares, fora Condenado, a pagar 300 francos e a eliminar 6 poemas considerados obscenos”. É interessante notar as reações provocadas por essas obras, pois, esse foi um movimento que despertou interesse dos leitores e críticos. Essa estética, originada na França, passara mais de três décadas para chegar a Portugal. Sendo inaugurada com a publicação de “Oaristos” em 1890, uma obra de Eugênio de Castro, na qual o poeta se manifesta em defesa da liberdade de ritmo, fazendo uso de um vocabulário variado e de estruturas inusitadas.

Vale lembrar que, além do autor de “Oaristos”, tiveram destaque, no Simbolismo português, os autores Antônio Nobre, Camilo Pessanha, João Barreira, Manuel Teixeira-Gomes e Raul Brandão, dentre outros. Segundo, Moisés (2012), “as

composições de Eugênio de Castro se desenvolvem em melopéia, num ritmo cantante, murmurado, flébil, tipicamente simbolista”.

Já em a relação Antônio Nobre, Moisés (2012), diz que prevalece “uma sensibilidade romântica”. Logo, nota-se que, apesar dos autores fazerem parte do mesmo movimento, não seguem exatamente as mesmas linhas, pois, cada poeta influenciado pelos ideais simbolistas desenvolve suas particularidades, mas sem se desvincular do estilo, e isso se configura como mais uma característica notada nas produções dos brasileiros.

Segundo Bosi (2006, p. 282), “o poema aparece como janela para o não ser, espelho e cristal partido que refletem apenas a ascese para tocar o infinito”. Assim, o poema seria a ligação entre o poeta e a subjetividade da vida, pelas palavras e sonoridade dos versos, estes, tentam transmitir a essência correspondente dos seus sentimentos, uma vez que o Simbolismo foi um movimento que permitia a representação da realidade utilizando-se de símbolos, musicalidade, de temas místicos, espirituais e subconsciente.

Quanto à denominação desse estilo, primeiramente, os poetas foram chamados de decadentistas, por incluírem traços de pessimismo e temas como a decomposição de corpos e o caráter ilusório do real. De acordo com Aburre e Pontara (2005), o “termo Simbolismo só apareceu em 1886, quando Jean Moraes, afirmou, por meio de um artigo, que a finalidade da arte simbolista era a sugestão de ideias, para que o leitor vivesse uma experiência sensorial semelhante à do artista”. O intuito disso era possibilitar ao público uma correlação entre realidade e o mundo das essências, ou seja, não ficar apenas na vivência do conhecido, mas ir além desta, ao sentir as mesmas experiências vivenciadas pelos artistas.

Segundo Abaurre e Pontara (2005), a investigação do desconhecido e a exploração do poder dos símbolos, foram determinantes para os artistas terem sido apontados como simbolistas, os autores afirmam que:

Influenciados pelo desejo de investigar o desconhecido, os artistas do período exploram o poder dos símbolos, a possibilidade de estabelecer analogias a partir deles, para revelar as relações entre o mundo visível e o mundo das essências. Por esta razão, serão chamados simbolistas [...] (ABAURRE e PONTARA, 2005, p.447).

Portanto, esses são os principais fatos que envolvem a origem e difusão desse movimento na Europa. Agora, explana-se como ocorreu o seu surgimento e como se

propagação aqui no Brasil. Bosi (2006), aponta “Medeiros Albuquerque (1867-1934) e Venceslau de Queirós (1865-1921), como os primeiros manifestantes do Simbolismo no Brasil, mas, ambos formaram apenas uma ponte do Parnaso para o Simbolismo”.

Conquanto os autores citados por Bossi (2006) tenham tido bastante influência, o que marcou, de fato, o movimento simbolista aqui no Brasil foram as publicações de “Broquéis” e “Missal” em 1893, de Cruz e Sousa. Para Moisés (2007, p.318), “o poeta organiza a plataforma simbolista ao mesmo tempo em que vai compondo estrofes coerentes com a doutrina preconizada. Seguia também, uma nota sensualista atribuída a fluxo de Baudelaire”.

Apesar dessa semelhança com as obras de Baudelaire, o que realmente tornara Cruz e Sousa o maior representante simbolista, segundo Abaurre e Pontara (2005, p.453), foi “a profundidade filosófica e angústia metafísica, temas que sem dúvida tiveram origem na sua sofrida experiência pessoal”. Sua preocupação com os problemas transcendentais do ser humano o direcionaram para a orientação humanístico-social.

Já, Moisés (2007, p. 317), ressalta que a “Antífona constitui uma verdadeira profissão de fé simbolista”, diante dessas considerações, observa-se que Cruz e Sousa foi de fundamental importância para o surgimento do Simbolismo brasileiro, bem como para a sobrevivência do movimento, que teve de dividir espaço com tendências realistas, naturalistas e, também, com o surgimento de novas expressões.

Entretanto, o Simbolismo não obteve boa receptividade pelos críticos literários da época, entre os motivos das críticas, estava o fato dele coincidir com o momento em que os autores brasileiros buscavam romper com as influências portuguesas, almejando independência literária, e, em razão desses ideais, negavam as características dos movimentos ocorridos principalmente em Portugal. Somando-se a essa questão, havia o fato de que, aqui no Brasil, estava em auge o Realismo, no qual a maioria dos autores, bem como, os críticos literários, estava mais interessada nos aspectos da realidade concreta, olhando-a com racionalidade, objetividade e crítica, o Simbolismo tinha, em si, o oposto.

Outro motivo é a linguagem utilizada por Cruz e Sousa, que segundo Bosi (2006), “foi revolucionária de tal forma que os traços parnasianos mantidos acabam por integrarem-se num código verbal novo e remeter a significados igualmente novos”. Portanto, essa foi mais uma das inovações usadas pelos simbolistas, que, de certa forma, acabaram por causar estranheza e impactar a sociedade impregnada de

dogmatismo, lembrando que, em Portugal, o movimento também não causou boas impressões.

Aliando-se às típicas reações provocadas pelos simbolistas, um dos aspectos mais relevantes, segundo Moisés (2006, p. 286), é o de que “O movimento, enquanto atitude de espírito, passava ao largo dos maiores problemas da vida nacional, ao passo que a literatura realista-parnasiana acompanhou fielmente os modos de pensar”. Dessa forma, compreende-se que as reações negativas em relação à estética simbolista, tiveram, entre suas causas, a desconexão entre a projeção literária do Simbolismo e a realidade de um país que tinha na literatura um dos principais artifícios para interpretação da realidade.

Paralelamente às tendências vigentes na época e à mentalidade dos intelectuais, o Simbolismo existiu e influenciou outros autores, além do consagrado Cruz e Sousa, que absorveu sua essência, transformou as inquietudes da vida e o misterioso mundo dos sentimentos em poesia, de forma que esse mundo inquieto e misterioso não se mostra por completo nos poemas, que apenas sugerem uma aproximação da realidade oculta com as durezas da vida. Mas, como dito, Houve outros nomes de destaque, como Alphonsus de Guimarães, considerado por Bosi (2006), como “fluido e depressivo” e que, diferente de Cruz e Sousa, seguiu a orientação místico-religiosa, como mostra (Campedelli e Souza, 2003):

Sua obra apresenta a presença constante da mulher amada, associada à poesia cujo tom é de evocação e melancolia, enfatizadas pelo verso fluido e musical. É notável, também, o envolvimento religioso de Alphonsus de Guimarães, como já se pode observar nos títulos de seus livros, a maioria referindo-se a figuras místicas. (CAMPEDELLI e SOUZA, 2003, p. 301).

Com isso, o que se percebe é que no Simbolismo brasileiro, também houve diferenças entre seus principais representantes, pois, Alphonsus de Guimarães, ao seguir a orientação místico-religiosa, expõe o lado místico do movimento, sempre associado à ideia de morte e ligado à expressão da religiosidade. Dentre seus livros publicados está “Setenários das dores de Nossa Senhora” (1899), “Dona Mística” (1899) e “Pastoral aos crentes do amor e da morte” (1923). De acordo com Abaurre e Pontara (2005, p. 455), em Alphonsus Guimaraens “a morte é acolhida como momento de passagem e de transformação, que abre as portas da eternidade, pondo fim ao sofrimento humano.” Esse é, portanto, mais um importante aspecto do Simbolismo manifestado no Brasil.

Lembrando, que houvera outros nomes que se destacaram por suas composições simbolistas, como é o caso de Emiliano Pernetá, Eduardo Guimaraens, Mário Pederneiras, Raul de Leôni, Augusto dos Anjos, Graça Aranha, Lima Barreto. Nestor Vitor, Rocha Pombo, Gonzaga Duque, dentre outros. Decerto, muitos outros simbolistas existiram, como a poetisa, cujos poemas são analisados. Mas, que apesar de suas eximias obras, não se sobressaíram devido a inúmeros fatores, dentre os principais pode se citar a própria cultura literária, pouco valorizada pela massa populacional.

### 3 MARIANA LUZ: VIDA E OBRA

Mariana Luz (1871-1960) foi uma poetisa e ativista cultural maranhense entre as últimas décadas do século XIX e início do século XX. É a autora do livro “Murmúrios” e foi devido à referida obra, que essa intelectual tornou-se a segunda mulher a ingressar à Academia Maranhense de Letras-AML. Todavia, este não é o motivo pelo qual ela tornou-se conhecida, pois antes da organização desse livro, ela era uma figura bastante conhecida, devido às suas produções artísticas, pelas quais ganhou notoriedade, tanto nas artes, como no artesanato, na oratória, teatro e, principalmente, com suas produções poéticas, que durante décadas foram intensamente publicadas em diversos jornais e periódicos no período de 1840 a 1900.

Mariana Gonçalves da Luz nasceu em Itapecuru-Mirim, uma simbólica cidade do interior do Maranhão, no dia 10 de dezembro de 1870. Era filha do casal João Francisco da Luz e Fortunata Gonçalves da Luz. Seu pai era Major da 6ª CIA da Guarda Nacional da Reserva de Itapecuru-Mirim, e depois da extinção desta, passou a exercer, via nomeação e em razão dos excelentes serviços prestados, dentre outras funções a de escrivão, delegado interino e tabelião. Já sua mãe, descendia de escravos, mas era letrada e influente na cidade, principalmente por contribuir em eventos sociais.

No que tange aos estudos, Conceição (2016, p. 27), ressalta que, Mariana Luz “fora instruída em casa junto com seus irmãos, pelos pais e professores contratados pela família”, essa era a forma de educação vigente naquele período. Seguindo esse mesmo raciocínio, Santana (2014), afirma que ela, “ainda pré-adolescente, fora encaminhada por seus pais a um convento, para que se aperfeiçoasse em latim, francês, artes, ensino religioso e outras disciplinas adequadas às moças”, assim, recebera os devidos ensinamentos que as mulheres naquele século tinham acesso.

Contudo, o fato de pertencer a uma família influente e, com isso, ter acesso aos estudos, não foi a única razão para, esta, ter se tornado uma pessoa celebre em todo o estado durante décadas, mas sim, por ser dotada de dons, os quais lhe advinham notoriedade ainda mesmo quando criança.

Inicialmente ficara conhecida pelas produções artesanais, que eram diversificadas, como desenhos e trabalhos caligráficos. De acordo com Santana (2014, p. 41), “aos 13 anos de idade, suas habilidades artísticas eram noticiadas”. Com tão pouca idade não é de estranhar a popularidade de seus trabalhos.

[...] Vimos hoje com satisfação uns interessantes trabalhos de calligraphia feitos pela menina D. Mariana Gonçalves da Luz, filha do Sr. tenente João Francisco da Luz, escrivão de Itapecuru-mirim[...] Alguns cartões de visitas que nos mostraram estão nitidamente feitos, com a perfeição de uma chapa lytographica (O PAIZ, 29. 07.1886).

Observa-se essa nota, sobre ela, então aos 15 anos de idade, mostra que não representam apenas feitos figurativos de espanto e admiração por ser tão jovem, visto que e essa é apenas uma das primeiras dentre as inúmeras notas de elogios às produções. Consagrações se estenderam a outros trabalhos, como nos desenhos em casca de ovos.

Vimos uns desenhos em ligeiro relevo, sobre uma casca d'ovo, feitos pela Exma. Sr. d. Mariana Luz, que são de elegância admirável, quer pelo gosto havido na escolha dos objetos desenhados, quer pela perfeição que foram eles traçados. (PACOTILHA, 13.04.1896).

Deste modo, fora observada mais uma das suas manifestações artísticas, em que percebe-se que eram sempre bem feitos e lhe rendiam notas jornalísticas, que acima de bom gosto tinham o prazer em conferir-lhe amabilidade a artista. Mas, não foram somente a essas artes, que ela se destacara, tem-se outras.

A 30 de julho foi inaugurado na cidade do Itapecuru-mirim, o Teatrinho Santo Antonio, que se destina para angariar donativos para a conclusão dos serviços da Igreja Matriz daquela Paróquia. [...] O Teatrinho Santo Antonio está sob a direção das provetas educadoras: Professora Zulmira Fonseca e Poetiza Mariana Luz. (O COMBATE, 03 de ago. de 1933).

Além de ser uma das diretoras, foi também fundadora do teatro e autora de umas das peças teatrais: “Samba no Cocal”. É notável, também, a participação da poetisa como agente influenciadora em eventos sociais, principalmente culturais, visto que, o objetivo da criação do teatro, além da obtenção de donativos à igreja, propiciava, também, desenvolvimento e incentivo da cultura local.

E foi assim, através de seus feitos artísticos, que Mariana Luz, natural de uma vila do interior maranhense, ganhara notoriedade local, e mais tarde, através da publicação de suas poesias em jornais e periódicos, teve seu nome reconhecido no cenário estadual, tornou-se, para alguns, a “Poetisa dos versos tristes” e hoje é tida como símbolo da luta pela igualdade de direitos.

Santana (2014) é categórica ao afirmar que, “Mariana Luz, quebrava as barreiras, como exemplo de luta pela igualdade feminina”, suas lutas eram silenciosas, entretanto significativas, em meios aos percalços postos pela vida, ela sempre dava um jeito de se fazer atuante e seguir aquilo a que se obstinava. Suas poesias eram apreciadas pelos leitores dos jornais, fato este, que se comprova pelas notas referentes ao fato de terem em mãos seus poemas para publicação. Como pode ser visto no jornal “Pacotilha”.

D’essa poetisa, a Exma. sr. d. Mariana luz, temos em mãos quatro mimosas poesias, que um amigo consegui adquirir e franqueou-nos para irmos oferecendo aos nossos leitores[...]. E como prova damos hoje aos nossos leitores o soneto que se segue [...]. Este soneto trazia o pseudonymo de Hector Moret, de que usa, às vezes, a poetiza (PACTILHA, 05.05.1895).

Na nota do referido jornal, é publicado o poema intitulado “Desditosa”, e na edição do dia 28 de agosto de 1895, encontra-se este outro:

**Assim...**

Assim com a brisa passa

Beijando o caule da flor,

Como a mimosa avizinha

Gorjeia thronos de amor.

Assim como a violeta

Inclina a haste a tremer.

Assim, quisera um momento,

Ouviste a voz e...morrer!

(MORET *Apud* PACOTILHA, 28.08.1895).

A utilização do pseudônimo Hector Moret, como se nota nessa publicação, de acordo com Santana (2014). Deu-se por conta do “seu pai, militar rigoroso, tê-la proibido de escrever e ela, para não abandonar a arte de escrever e nem afrontar abertamente o pai, passara a usar pseudônimos”. E as atitudes, as quais ela assumia perante a vida, vem a refletir em seus versos: “Assim como a violeta inclina a haste a tremer”, que dialoga com a fase em que a poetisa usara cognomes para continuar expondo seus poemas, pois, ao se ver diante de uma situação difícil, ela se tornou flexível como haste que treme quando a flor se inclina, mas não quebra. Mariana cedeu às ordens do pai, abrindo mão de ter seu nome na assinatura dos poemas, mas

não abandonara o sonho de tê-los publicados. Essa atitude de enfrentamento dos comportamentos tradicionais ela assumiu por toda a sua vida.

Siânica, como também era chamada, se destacou no cenário teatral [...], tornou-se requisitada para apresentações fora da cidade, escrevendo muitas peças teatrais, levando suas produções para serem apresentadas em Caxias, São Luís e outras cidades do Estado, onde várias companhias teatrais solicitavam suas peças[...].Dentre as peças teatrais que traduziam costumes, humor, preceitos morais e religiosos têm-se: A Casa de Tio Pedro, A Herança de Benvinda, Casada Desabusada, Quem Tudo Quer Tudo Perde, Por Causa do Ouro e Eu Também Sou Eleitora, que foi uma de suas peças mais famosas por se tratar de uma sátira que retratava o papel da mulher e o seu direito ao voto, chegando a ser encenada alguns vezes no Teatro Artur Azevedo.” (CONCEIÇÃO, 2016, p. 28).

Como se nota, a artista se utilizava dos meios que podia, para manter-se atuante na sociedade, e essas produções de peças teatrais, projetavam a sua luta, como a peça “Eu também sou eleitora”, mas também havia aquelas que tinham como finalidade o repasse de ensinamentos religiosos e valores morais.

De criança a mulher dedicada à arte de compor, sempre firme com seus propósitos, sonhava com a publicação de um livro com seus poemas, e lutava para realiza-lo. Santana (2014, p.62), “A poetisa fazia parte de todas as agremiações literárias maranhenses, direta ou indiretamente, como colaboradora e voluntária.” É importante destacar que o seu esforço, em parte, foi reconhecido, entretanto, talvez a poetisa não tenha reconhecido a própria popularidade e valor dado a suas poesias e demais composições, que, por décadas, foram divulgadas pela imprensa, porquanto, o sonho de ter um livro publicado ofuscou para si o seu estrelato, assim como o luar ofusca o brilho das estrelas.

O prestígio, que lhe era dado, veio a corroborar o ato de ela reunir alguns sonetos e organizar o livro Murmúrios, em virtude do qual, apresentou uma proposta para ingressar na Academia Maranhense de Letras. Em 24 de julho de 1948, foi aceita, mas somente em 10 de maio de 1949, tomara posse como fundadora da cadeira número 32, como patrono o poeta caxiense Vespasiano Ramos. Cerca de onze anos após tomar posse, aos exatos 14 de setembro de 1960, falecera, e não realizara o sonho de ter seu livro de poemas publicado, levando consigo apenas a incessante vontade de tomar, em suas mãos, um livro com seus poemas, como Santana (2014) menciona:

[...] veio a falecer com a frustração de não ver realizado o sonho de folhear o seu livro. Em 1990, um ex-aluno, o ilustre escritor itapecuruense e membro da Academia Maranhense de Letras, Benedito Buzar, reeditou Murmúrios, através das oficinas do Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado (SIOGE). (SANTANA, 2014, p.84).

A publicação de “Murmúrios” ocorreu, portanto, 40 anos após a morte da poetisa, que, felizmente, teve seus versos muito divulgados em jornais, além do livro publicado postumamente. Essa publicação foi relevante, porque colocou suas poesias em circulação e, atualmente, ainda se encontram exemplares em mãos de alguns apreciadores de sua arte, como o que se encontra com o professor Tiago Oliveira. Consoante Neres (2012), “Uma edição crítica de sua obra seria boa oportunidade de a nova geração conhecer a poesia de uma mulher que trabalhara a palavra de forma singular e soube iluminar nossas letras com a luz e com a força de seus versos”.

Verdade seja dita, para tal acontecimento, é necessário “mais que palavras”, mas, o uso destas, já seria um significativo gesto, principalmente por parte dos integrantes que compõe a diretoria da AML, ressaltando que seu atual diretor é Benedito Borgéa Buzar, eleito em 1990, no entanto, em pleno século XXI, tendo decorrido tantos anos, o perfil de Mariana Luz no site da AML, nunca fora desenvolvido constando apenas seu nome, constando só o número da cadeira e que fora uma fundadora pioneira.

Em Itapecuru-Mirim, cidade que por muito tempo se referiam como “a terra de Mariana Luz”, a poetisa tem em Jucey Santana, uma resgatadora de seu nome e de suas produções. Santana é autora do livro “Mariana Luz: Vida e Obra e Coisas de Itapecuru Mirim”, (2014); - “Itapecuruenses Notáveis”, (2016). O seu trabalho se mostra de total importância, porque muito contribui ao tornar pública a vida e obra de Mariana Luz, mas, como disse Conceição (2016, p. 39), “enquanto a sociedade se manter passiva, não haverá vida literária de raiz itapecuruense, o que impedirá as futuras gerações de conhecer a grandiosidade de nossos poetas e nossos construtores de história”, e o que se nota, é isso, alguns lutando em prol da cultura, mas sem ter seus trabalhos devidamente valorizados, visto que parte da sociedade itapecuruense é inexpressiva.

Ao pesquisar a história dessa notável itapecuruense, percebeu-se que ela cumpriu a função de ativista cultural, e que, assim como tantas outras ativistas, também, não ficara imune às retaliações. Sofrera duras consequências por lutar em

prol dos desfavorecidos. Santana (2014), diz que “após ela ter se envolvido em questões políticas e lutado a favor dos professores, sofrera represálias e perseguição como o corte de sua subvenção, fechamento de sua escola e mudança de cidade”.

É importante mencionar o fato acima, porque ele reflete a realidade vivenciada por essa notável itapecuruense. O golpe sobre ela fora cruel, principalmente por ter nascido e crescido em Itapecuru e, desde cedo, dedicar-se ao magistério, e por um simples ato de lutar por direitos, a prefeitura cortara o subsídio que ajudava na manutenção de custos da escola que criara, assim, viu-se obrigada a deixar a cidade e foi para a capital maranhense em busca de melhores condições de vida. Lá, investiu na área teatral.

Certamente o maior motivo dessa mudança seria o de procurar se reerguer emocionalmente, visto que, tanto lhe fazia gosto a prática do magistério, por isso, é que não fazia apenas por ser paga para ensinar, mas sim, por ser um ato vocacional, assim como tinha o dom de fazer poesias que inda são “murmúrios”, mas também, que um dia reencontrarão a calma dos bons momentos e transmitirão a essência das poesias de Luz.

### **3.1 Análise das obras**

O primeiro poema em explanação foi extraído do jornal maranhense “Pacotilha” edição 00227 de 25 de setembro de 1893. Além de sua publicação ocorrer no mesmo ano em que foram publicados “Missal e Broquéis” de Cruz e Souza, “Contraste” é uma das primeiras composições que marcam uma fase em que a poetisa deixou de lado a leveza em seus poemas e aderiu aos aspectos mais negativos, através de um olhar reflexivo sobre a condição humana. Fazendo uso de temáticas típicas do Simbolismo, bem como de representações encontradas em elementos da natureza e, às vezes, formas abstratas para sugerir sentimentos e emoções.

O poema “Contraste” representa bem a fase na qual a poetisa passou a representar, com maior profundidade, os aspectos negativos da humanidade, fazendo-se constantemente presentes a tristeza, a dor, o sofrimento se fazem constantes.

**CONTRASTE** (Mariana Luz, 1893)

O sol, a pino, os raios seus dardeja



que se iniciam exteriormente e é finalizado quando o eu-lírico faz um chamamento pra si, expondo o verdadeiro contraste, “Enquanto tudo é cálido, eu sinto o (frio”. Relacionando, então, o seu interior, demonstrando suas particularidades.

Nesse poema, não houve uma preocupação em relação às estruturas, não há um alinhamento dos versos, note que apenas uma parte dos parênteses é utilizada, abrindo espaço para múltiplas possibilidades de leitura. Outra característica da estética simbolista que se verifica é a musicalidade, feita aqui, pelas rimas perfeitas, além das rimas no final dos versos, as sílabas no interior das palavras rimam, (**dar**deja, **ar**-queja, **ard**ente, **passar**inhos, **gela**r-me,). Esses efeitos sonoros ficam em evidência pela assonância: “Enquanto **tudo** é cálido, **eu** sinto (frio”); aliteração “Um mutismo **letal**, **triste**, **sombrio**”; sinestesia “O areal (visão) ardente (tato). Estala (audição)” e a reiteração em que a palavra “**ar**” repete-se no interior das palavras, o que a evidência como elemento pelo qual é feita a sugestão das emoções e sensações.

O próximo poema trata da relação entre vida e morte, de forma que a morte não significaria o fim da vida, mas, um meio de se libertar de um aprisionamento em que o eu-lírico se encontra.

### **Morrer... Dormir...**

01 Morrer... Dormir... Não mais! Termina a vida,

02 E com ela termina nossas dores:

03 Um punhado de terra, algumas flores,

04 E às vezes uma lágrima fingida.

05 Sim! Minha morte não virá sentida!

06 Não deixo amigo e nem tive amores!

07 Ou, se os tive, mostraram-se traidores.

08 Algozes vis de uma alma consumida.

09 Tudo é podre no mundo. Que me importa

10 Que ele amanhã se esbore e que desabe,

11 Se a natureza pra mim é morta!

12 É tempo já que meu exílio acabe...

13 Vem, pois, ó Morte, ao nada me transporta!

14 Morrer... Dormir... Talvez sonhar... Quem sabe?

Considerou-se as seguintes definições, para o poema 2:

**Algozes** (verso 8) – figurado- que causa dor, sofrimento, tormento.

**Vis** (8) - desprezíveis, repugnantes, infames, pessoas que inspiram desprezo.

**Esbore** (10) – reduzir-se ou desfazer-se em pequenos fragmentos (baseado no significado da palavra de grafia mais aproximada que é o verbo esboroar).

**Exílio** (12) – figurado- solidão.

**Esbore** (10) – reduzir-se ou desfazer-se em pequenos fragmentos (baseado no significado da palavra de grafia mais aproximada que é o verbo esboroar).

Este poema é, portanto, mais um que faz parte da coletânea dos vinte e dois sonetos organizados para publicação de “Murmúrios”. O título não diz com clareza de que se trata o poema, mas a utilização das reticências indica que houve uma supressão do que iria ser dito, para instigar o leitor a descobrir o que é. No primeiro verso, há a reiteração do título, em seguida na fala do eu lírico, fica claro que, o que ocorria não se repetirá, em seguida ao se referir à vida, este dá a entender que será posto um fim à vida, e assume expectativas positivas em relação ao término dela, ao concluir que “terminando a vida, também terminam as dores”, ou seja, a morte seria, não só a solução para todo o sofrimento, mas uma elevação, a transcendência espiritual.

No segundo e terceiro é explícito o que ocorreria em relação a sua morte. Nota-se uma desilusão, a vida nada mais é que uma prisão ao mundo que tanto lhe traz sofrimento, e para ele sua falta não seria sentida, já que não teve amores nem amigo, a ressalva é que, se os teve, mostraram-se cruéis e sem valor. Para o eu lírico, no mundo tudo está condenado, portanto, não lhe interessa se no futuro seja fragmentado e venha a ruir, uma vez que tudo é sem vida. Acredita que é tempo do seu exílio acabar, quer dizer que é chegada a hora de terminar seu viver solitário, e em seguida, interrompe a fala, de certo para que o leitor busque em sua mente como é o término desse viver solitário, e finalmente, no penúltimo verso, evoca para si a morte, para que seja transportado ao nada. Nisto, fica visível a eloquência pela morte.

Novamente, no último verso, volta a fazer uso das reticências para enfatizar ao leitor, o drama que tem sido a vida, entre palavras não ditas e momentos não vividos, deixando, também, a dúvida sobre o que vem a ser a morte, um dormir, um sonhar e finaliza ao interrogar: “quem sabe?”. Entretanto essa interrogação, não é necessariamente uma pergunta, mas uma sugestão para que o leitor também busque respostas sobre o que é morrer.

As considerações se voltam para o “Pálido espectro”, em que evidenciam os aspectos subjetivos, é uma poesia voltada para o mais profundo do “eu”. Aborda o sofrimento como algo que desconstrói o propósito da vida, pois, após tanto sofrer, o eu-lírico julga que morrerá sem nem ao menos ter vivido.

**Pálido espectro** (Luz, 1910)

01 Como pálido espectro vacilando  
 02 A cada passo sobre a laje fria,  
 03 Eu vou seguindo a dolorosa via  
 04 Aonde pedaço da alma vai deixando.

05 Em vez de cantos promessas e flores  
 06 Que desabrocham ao sol da felicidade  
 07 Só encontrei, tristonha mocidade,  
 08 Cruéis espinhos, que me causam dores.

09 Exausta caminheira, chego ao termo,  
 10 Do sofrimento; o coração enfermo,  
 11 Já não sinto pulsar... pobre esquecido...

12 É inútil tentar. Ao longe, esguio  
 13 Vejo um cipreste lúgubre, sombrio,  
 14 Morre! E vou morrer sem ter vivido!

Significação atribuída ao vocabulário para interpretação:

**Laje** (2) - (pedra do hospital).

**Cipreste** (13) - segundo Morales (2009), “simboliza a união entre o Céu e a Terra. Desde tempos remotos é considerada como uma árvore simbólico religiosa, é também apelidada de “Árvore da Vida”, associadas à ideia de imortalidade e ressurreição”

**Lúgubre** (13) - (que inspira tristeza, fúnebre).

Ao iniciar a leitura, nota-se que no título do poema é apresentada essa tendência simbolista, pois, na nomenclatura “Pálido espectro” e, ao passo que sugere uma leitura de imagens, encontra-se a subjetividade. É, portanto, representação abstrata, utilizada para demonstrar os aspectos da condição humana. No substantivo espectro, tem-se uma referência àquilo que supostamente não existe, por se tratar de

um termo relacionado à interioridade e ao mundo espiritual, mas que também pode relacionar-se a algo vago ou a ilusão, suposta aparição de um defunto, porém, com aparência humana. Em suma, segundo Ferreira (2001), “figura imaginária”.

No início do primeiro verso, há o uso de uma metáfora, observe que o conectivo como, mostra que há uma comparação, ou seja, o eu-lírico do poema, compara-se com um “pálido espectro vacilando a cada passo sobre a laje fria”, isto é, o eu-lírico se diz um ser sem vida, que existe por manter a aparência e que, esta, não possui expressividade, pois é vazia e já não encontra forças para andar, percebe-se ao igualar-se com a oscilação do espectro sobre a laje fria.

Ainda no verso 01, há o verbo vacilar no gerúndio, “vacilando”, indica uma ação em andamento, aliando a isso, laje tem a mesma significação de pedra, enquanto que a palavra pedra, associada ao adjetivo feminino, “fria”, transmuta o sentido de laje ao induzir a expressão “o corpo está na pedra do hospital”, assim, conclui-se que é um ser que não se adaptou ao mundo em que está.

Já, a partir do 3º verso, encontram-se as relações referentes entre o ser e o meio, note que o verso “Eu vou seguindo a dolorosa via”, é relevante, porque **via** seria o destino, algo que é resultante de diversas causas, colocado no poema como doloroso, ou seja, a cada sofrimento aos poucos o ser vai sendo transformado, complementado no 4º verso “Aonde pedaço da alma vai deixando”. Essa reflexão fica bem definida e é voltada para o enfretamento das dificuldades vivenciadas, em que cada uma representa uma perda da essência, pois, diante disso, há uma modificação interior, seja de forma positiva ou negativa. Dessa forma cria-se uma introspecção por meio da poesia, revelando as impressões ligadas ao mais profundo do eu.

Outra observação importante, é quanto a inspiração da poetisa para representar o estado de alma, tal qual foi sugerido por Mallarmé. Nesse poema, além da representação abstrata “espectro”, são encontrados elementos da natureza, observe que para indicar a ausência de felicidade e a presença do sofrimento, o eu-lírico menciona não ter encontrado “flores”, apenas “espinhos”. Já para fazer analogia ao mundo interior, nos versos 13 e 14 “Vejo um cipreste lúgubre, sombrio, Morre!” e “E vou morrer sem ter vivido”, o eu lírico conclui que, assim como morre o cipreste, logo morrerá, pois da forma que o “cipreste lúgubre, sombrio” teve como fim a morte, uma vida sem alegria o mesmo fim terá, pois a tristeza faz-lhe uma evocação à morte. Lembrando que cipreste representa a ligação entre a morte e a vida.

O encadeamento do soneto é feito por um eu lírico feminino em primeira pessoa “Exausta caminheira, chego ao termo” (9), retratando a forma que enxerga a vida de sofrimento na qual, a cada dia mais, percebe sua decadência, provocando uma introspeção por parte do leitor. A estrutura do poema é em forma de soneto petrarquiano ou italiano, que é composto por duas estrofes de quatro versos (quartetos) e duas de três versos (tercetos). Sendo que os quartetos possuem rimas entrelaçadas ou opostas (ABBA), enquanto que os tercetos são esquematizados em CCD.

Inicia-se agora a análise do poema “A caminho”. Neste há um olhar aparentemente voltado ao céu, mas com o desenrolar da leitura percebe-se o sentido figurado do qual a poeta se utiliza, para fazer correlações entre passado, presente e futuro. O eu-lírico inicialmente faz reflexões sobre o futuro, mas volta-se ao passado, então, percebe-se um ser infeliz e sem esperanças.

### **A caminho**

01 Quando fito o azul da imensidade,

02 Limpo de estrelas, todo azul somente,

03 Sinto o punhal agudo da saudade

04 Atravessar-me peito cruelmente

05 Do meu passado, então, vaga lembrança,

06 Vem acordar Minh ‘alma adormecida

07 É, sempre bela, a imagem da esperança,

08 Tenta dourar-me os sonhos, fementidas

09 É tarde, já... Além, há outra esfera,

10 Onde, risonha e eterna, a primavera

11 De luz e aroma nutrirá meu ser....

12 É tempo de parti... Minh’ alma aflita

13 Mirrada flor que o vendaval agita

14 Perdeu a seiva no cruel sofrer.

Significação atribuída para interpretação:

Verso 1- **fito** (imagino); **azul** (vazio); **imensidade** (vida).

Verso 2- **Estrelas** (sonhos)- azul(vazio).

Verso 3- **punhal agudo** (medo).

Verso 7- **a imagem da esperança** (boas lembranças).

Verso 8- **dourar-me** (recordar); **fementidas** (desiludida).

Verso 9- **Esphera** - esfera (outro mundo, além da vida) ou espera.

Ao imaginar o futuro, sem sonhos nem expectativas, tudo o que vê é uma vida vazia e sente-se atormentada pelo medo. Então, lindas lembranças fazem recordar os sonhos do passado, ilusão. Sem sonhos, sabe que sua trajetória chegou ao fim e que algo lhe espera, num lugar em que a vida é eterna felicidade. A hora é partir, talvez morrer, pois está flagelada, suas forças se perderam após tantos sofrimentos.

Primeiramente a nomenclatura do poema, “A caminho”, provoca algumas indagações, o que está a caminho? É algo que está indo ou vindo? São perguntas, que no decorrer do poema, encontram-se as sugestões que servem de respostas, aparecem lembranças que vêm do passado, ao passo que o eu-lírico sugere que é o fim que estava a caminho, ao dizer “É tempo de partir...”, verso 12. Em seguida, ainda nos versos 12 e 13, utiliza uma metáfora “Minh ‘alma aflita Mirrada flor que o vendaval agita”, revelando a sensibilidade ao mesmo em tempo em que demonstra a fragilidade da existência humana, comparando a vida a uma flor que dura pouco tempo.

Em relação aos recursos linguísticos, tem-se a utilização dos sinais de pontuação, observados no 9º, 11º e no 12º verso, que são as reticências (...), representando o que não pode ser proferido, deixando a cargo do leitor a interpretação, além deste, há a elisão em “Minh ‘alma”, o que reforça ainda mais a supressão, um chamamento ao eu mais profundo do eu-lírico.

Outro aspecto considerado em relação a essas inovações na linguagem referente ao Simbolismo é a utilização de termos ou combinação de vocábulos que provocam diferentes interpretações, como o termo “ph” (verso 09), não se confirmou o uso proposital pela poetisa ou se este é decorrente da escrita da época, visto que se trata de um soneto publicado no Jornal Pacotilha em 06 de junho de 1895, e, nesse tempo, era comum o uso do “ph”. Somente com a primeira reforma ortográfica da Língua Portuguesa, ocorrida em 1911, foi que termos como esse foram excluídos, mas esse acordo fora adotado apenas em Lisboa, sendo firmado o acordo Ortográfico luso-brasileiro, em 1931.

Em arquivos da época, esse termo aparece em palavras como órfãos, da forma latina orphanus, que depois passou a ser escrito com “f” órfãos, portanto, a lógica seria que o termo “esphera” (verso 09), tenha como significado “esfera”, mas

em outros arquivos, mesmo considerando o acordo e o contexto, não possui uma clara definição, visto os sinônimos e sentidos conotativos.

Esfera que, segundo Ferreira (2001, p.284), é a “região do espaço limitada por uma superfície esférica. Ambiente”, mas, não se pode levar em consideração apenas a ortografia, em razão de se tratar de uma linguagem poética, o fato é que, nesse contexto, “esphera” possibilita múltiplas interpretações, e pode ter o sentido de “espera”, conjugação do verbo “esperar” no tempo presente da 3ª pessoa do singular.

A segunda interpretação é possível, em razão de tratar da dualidade do ser, o mundo presente e aquele que ele coloca como possibilidade, o invisível ou o mistério por traz da morte, outra vida, mundo visível que estaria vivendo, enquanto supõe-se que outras coisas acontecem noutra plano. Essas correspondências do mundo real com o inconsciente são reforçadas principalmente pelo apego a memória, “Sinto o punhal agudo da saudade” 3º verso, e em seus poemas, a saudade da infância é o que produz um ar de extrema melancolia. Em relação à estrutura, tem-se mais um soneto petrarquiano ou italiano, como quartetos de rimas alternadas (ABAB), enquanto que os tercetos são esquematizados em CCD.

### **3.2 Características simbolistas presentes nos poemas**

No que concerne às produções da poetisa itapecuruense, Mariana Luz, são diversificadas quanto ao gênero e estruturas, mas seus poemas, na maioria, são formados por Soneto. Essa estrutura, usada para dar forma a suas poesias, demonstra a preferência ao estilo clássico e uma preocupação singular quanto ao uso das palavras, uma forma de chamar atenção ao que está visível, para despertar o interesse para os sentidos mais significativos de suas poesias.

A linguagem utilizada é simples, mas de conteúdo vago e impreciso, que contextualiza suas impressões da época na qual vivera, observações particulares do mundo. Aborda sempre questões relativas à vida, ao verdadeiro sentido de viver e não apenas ao existir. Para isso, usa vocábulos como, por exemplo, espectro, algo que não há confirmação de que exista e por tratar de algo psicológico, já referente ao plano imaterial. Outro termo que aparece em várias de suas composições é “cipreste”, aparece por meio de comparações e metáforas, é um símbolo com significação religiosa, tanto positiva quanto negativa, mostra que a poetisa busca correspondências entre a realidade visível e as essências.

Os aspectos mais relevantes notados nas produções foram, o misticismo, a negação ao presente, a natureza como símbolo, a sinestesia, o tom melancólico e evocação de morte como busca pela libertação do corpo e transcendência espiritual. A musicalidade aparece nas rimas, mas, não há uma exploração intensiva dos recursos sonoros, talvez, deva-se a temática abordada que acaba por dá um ritmo pesado, exprimindo o aparente cansaço expressado em seus versos, a exemplo de “Pálido espectro”, verso 09 “Exausta caminheira, chego ao termo Do sofrimento; o coração enfermo”, note que o eu-lírico diz estar cansado.

#### 4 CONCEPÇÕES SOBRE OS POEMAS DE MARIANA LUZ

Enquanto muitos se atentarem a tristeza e ao tom pessimista de seus versos, acabam por não compreender que esses são apenas artifícios usados pela poetisa, e que mesmo diante da expressão de sentimentos e emoções pelos poemas, eles não refletem especificamente os sentimentos pessoais. Nos levantamentos de informações sobre sua vida e obra, notou-se que muitos levaram como sendo uma característica do emocional, viam nas poesias o reflexo de seus sentimentos. Com isso, acabavam por se compadecer demonstrando certa compaixão pela poetisa, achando-a sofredora.

Esse compadecimento observado superou, ou de certa forma, tornou verdadeiros os sentidos de suas poesias irrelevantes, fazendo-a “viver, sem ter a glória de um sorriso”, mas atentando a suas palavras, os sorrisos faltosos não foram os seus, mas os sorrisos que ela não teve vindo do lábios alheios. É possível notar em suas poesias um olhar voltado sobre a realidade, mas que não se atem apenas ao aparente, pois, há essa introspecção provocada pela exploração de forma crítica.

As críticas, aparecem em textos com duplo sentidos, como é visto no soneto intitulado de “Cegos” no verso 5 e 6, ao qual escreveu, “Ah! Não ver o esplendor da risonha alvorada ou no ocaso a sumir-se uma nuvem irradia”, pelo título percebe-se um olhar de compadecimento aos que são cegos, mas no decorrer do poema, o bom leitor perceberá os verdadeiros significados de suas poesias, no caso dos referidos verso, pode-se inferir, que muitos são aqueles que possuem os órgãos da visão em perfeitas condições, mas não percebem as belezas da vida, como o nascer e o pôr do sol ou simplesmente não sabem valorizar os momentos felizes. Tornando-se como cegos, uma vez que o trabalho ou a busca por realizações pessoais impedem de ver a luz do dia (felicidade).

Outro poema que reflete a orientação humanística social é “Leprosos”, nele parece que o olhar é lançado sobre a condição dos seres acometidos pela lepra, os quais eram isolados do convívio social e sobre essa doença apontavam princípios ético-religiosos, ligando-a à ideia de pecado e punição. Conhecida atualmente como Hanseníase e que possui cura, mas por volta de 1946, quem era acometido por essa doença estava condenado à morte.

Nos versos 13 e 14, é dito que eles vivem “sem ver se abrir um olhar o paraíso, é sofre-se demais! Deus clemente!”, mas, assim como nos poemas “Cegos” e

“Leprosos”, também provocam uma profunda reflexão sobre a condição humana, principalmente em relação ao sentir e a enxergar as coisas em volta. Pela leitura, conclui-se que as pessoas que não tem prazer em viver, eram como os leprosos “mortos em vida”, existem, mas não vivem.

O eu-lírico por vezes é crítico, mas há momentos em que demonstra um profundo sentimento, é como se sentisse na alma toda melancolia humana, integrando-se ao todo e não apenas ao próprio sofrimento.

Para elucidar essa compreensão, verificou-se que termos como sofrimento e morte, possuem significados análogos. A presença da palavra morte adverte que o sofrimento não será eterno e que a vida é passageira, sugere portanto, que há outras possibilidades além da vida aparente. Essas possibilidades seriam a razão pelo qual o sofrimento é acolhido por Mariana Luz que tenciona um viver pleno.

A busca pela felicidade completa, a qual pelas palavras do eu lírico não foi encontrada, de certa forma, causa uma depreciação das coisas mundanas, observe quando é dito, “Tudo é podre no mundo”, nega-se, portanto, não só a própria existência cheia de sofrimento, nega tudo, mas ao concluir “É tempo já que meu exílio acabe”, de certa forma se superioriza, é como se dissesse, não eu não mereço esse sofrimento, vivê-lo é um castigo, mas o vive, porque tem como propósito uma felicidade maior, veja que Luz (*Apud* Santana 2014. p. 295), em “Soneto I”, expõe o seguinte, “viveu e sabe dar valor a vida, quem palmilhou em estradas doloridas”, ou seja, o sofrimento é uma provação e faz parte do viver, de forma que, através dele a poetisa pressupõe que vida torna-se mais valorizada.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depreendendo-se com as tessituras do presente trabalho, após analisar os poemas “Contraste”, “Morrer...Dormir”, “Pálido Espectro” e “A Caminho”, de Mariana Luz, fica evidente as correspondências entre suas obras e o Movimento Simbolista; em primeiro lugar houve a relação entre o ano de 1893, ano que é marcado como início do Simbolismo Brasileiro e um poema de Mariana Luz, intitulado de “Contraste”, publicado no Jornal Pacotilha em 25 de setembro de 1893: fase de expressividade desta poetisa, em que seus poemas eram publicados em inúmeros jornais maranhenses.

Em relação às produções, assim como parte dos autores Simbolistas, tinha suas particularidades e não seguiu a mesma linha de Cruz e Sousa, tão pouco a de Alphonsus Guimaraens, mas percorria as duas linhas, ora voltava-se para os problemas relativos à existência humana, ora revela uma subjetividade mais profunda, envolvendo mais a religiosidade, buscando uma redenção às dores sofridas, como em “Súplica”, “Inocentes” e em outras composições que não foram contempladas nesta análise.

Mariana Luz se expressava disponibilizando as palavras no papel como uma atitude diante da realidade que vivera. Seus escritos não poemas constituem suas observações particulares, mas eles buscam fazer o leitor refletir em cima das poesias, repensando o significado da existência e sugerindo um novo olhar para a vida, de forma a contemplar não apenas o que está aparente, mas também a voltar-se para os sentimentos. Para provocar essa introspecção dos leitores, a poetisa cria imagens e passa a utilizar-se de artifícios como as figuras de linguagem e representações que fazem referência aos sentimentos e emoções e ao compor assim, aproxima-se muito dos ideais difundidos por Mallarmé e também dos conceitos dados por Charles Baudelaire no celebre poema “Correspondências”.

Mediante a análise das produções de Mariana Luz, percebeu-se, em suas poesias, diversos aspectos do Simbolismo, as quais, confirmam a teoria de que seus poemas são simbolistas, confirmação demonstrada, em específico, pela utilização de símbolos representados por elementos da natureza e por representações abstratas que fazem analogias ao seu estado d’alma e pelo ar sugestivo conferidos em suas produções.

## REFERÊNCIAS

ABAUURRE, Maria Luíza M.; PONTARA, Marcela N. **Literatura Brasileira: tempos, leitores e leituras**. Volume único. São Paulo: Moderna, 2005.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura brasileira**. 43. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jésus Barbosa. **Literaturas: brasileira e portuguesa: teoria e texto**. Volume único. São Paulo: Saraiva, 2003.

CONCEIÇÃO, Maria H. Nascimento. **Um resgate das contribuições literárias de Mariana Luz no cenário maranhense: um estudo nas turmas do 9º ano da escola municipal homenageada com o nome da ilustre**. Itapecuru-Mirim, 2016. TCC apresentado para obtenção de título de licenciatura em Letras da Universidade Estadual Do Maranhão.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. 4. Ed. Ver. Ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LIMA, Alceu Amoroso. **Introdução a Literatura Brasileira**. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995.

LUZ, Mariana. **Murmúrios**. São Luís, SIOGE, 1990.

\_\_\_\_\_. **Soneto**. In: Almanack do Maranhão. São Luís, 06, de jun. de 1985.

\_\_\_\_\_. **Variedades**. In: Pacotilha, São Luís. 07.07.1891. Disponível em <[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=168319\\_01&pasta=ano%20189&pesq=hector%20moret](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=168319_01&pasta=ano%20189&pesq=hector%20moret)> Acesso em: 04 de jan. 2018.

\_\_\_\_\_. **Contraste**. In: Pacotilha. São Luís. 25 de set. de 1893. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=168319\\_01&pasta=ano%20189&pesq=hector%20moret](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=168319_01&pasta=ano%20189&pesq=hector%20moret)> Acesso em: 04 de jan. 2018.

MORALES, Carmem. **O cipreste**. Nova Acrópole, 2009. Disponível em <[https://www.nova-acropole.pt/a\\_cipreste.html](https://www.nova-acropole.pt/a_cipreste.html)> Acesso em 08 de jan. 2019.

MORET, Hector. **Assim...** Jornal Pacotilha. Edição 28 de agosto de 1895. Disponível em <[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=168319\\_01&pasta=ano%20189&pesq=hector%20moret](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=168319_01&pasta=ano%20189&pesq=hector%20moret)>. Acesso em 04 de jan. 2018.

MOISÉS. Massuad. **A Literatura Portuguesa Através dos Texto** 33. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2012.

MOURA, Josana de; SANTOS, Elberth. **Filosofia e Literatura**. Uberlândia-MG: Claranto, 2005.

NERES, José. **Mais que Palavras: A poesia de Mariana Luz**. Disponível em: <<http://joseneres.blogspot.com/>> Acesso em: 21/11/2017.

NOTICIÁRIO. Jornal O Paiz, 29 de jul. de 1885. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=704369&pesq=Sr.%>> Acesso em 03 de jan. de 2019.

SANTANA, Jucey. **Mariana Luz vida e obra e coisas de Itapecuru Mirim**. São Luís: 360º Gráfica Editora 2014.

\_\_\_\_\_. **Itapecuruenses Notáveis**. São Luís: 360º Gráfica Editora, 2016. Disponível em <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/espectro>> Acesso em 02 de jan. de 2019.

SANTIAGO, Valerio. **Fluxo e Refluxo**. Correio da tarde; folha diária, São Luís, 31 de agosto de 1910.

TUFANO, Douglas. **Estudos de Literatura Brasileira**. 3. ed. Ver. E ampl. São Paulo: Ed. Moderna, 1983.

UMA POETIZA. Jornal Pacotilha. Edição de 05 de junho de 1895. Disponível em:<[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=168319\\_01&pasta=ano%20189&pesq=hector%20moret](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=168319_01&pasta=ano%20189&pesq=hector%20moret)>. Acesso em 04 de jan. de 2019.

VERÍSSIMO, José. **HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA**. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000116.pdf>> Acesso em 18 de dez. de 2018.